

# Figueiredo a Reagan: vamos dialogar mais

Mino Pedras

Humberto Netto

O presidente João Figueiredo defendeu a necessidade da realização «de um diálogo mais amplo entre os governos de países devedores e credores», com o objetivo de buscar «medidas capazes de, com o resguardo dos interesses de todas as partes envolvidas, propiciar uma solução para a carga excessiva decorrente do endividamento e a criação de condições favoráveis à retomada do desenvolvimento pelas nações devedoras e à expansão sustentada da economia e do comércio internacionais». Estes pontos de vista foram expostos pelo presidente João Figueiredo numa carta que enviou ao presidente Ronald Reagan e que foi entregue ao mandatário norte-americano ontem de manhã pelo embaixador Sérgio Correia da Costa. Segundo afirmou Figueiredo, a reunião dos sete países industrializados, realizada recentemente em Londres, e o encontro de 11 devedores da América Latina, registrado em Cartagena, deixaram claro que «estão criadas condições particularmente favoráveis» para que aconteça a reunião entre devedores e credores.

Em sua carta, inicialmente o presidente Figueiredo mostrou-se satisfeito com o fato de que os representantes dos países ricos presentes à reunião de Londres «dedicaram especial atenção às dificuldades econômicas que acarreta para numerosos países latino-americanos a grave situação do endividamento externo». Ele também lembrou que durante a visita de Ronald Reagan a Brasília, em dezembro de 1982, ambos haviam abordado a questão. Figueiredo destacou ainda que «lamentavelmente, nesses 18 meses que desde então se passaram, a situação agravou-se consideravelmente, a ponto de levar-me, em conjunto com outros chefes de Governo latino-americanos, a dirigir carta aos participantes do encontro de Londres». E o presidente brasileiro chegou a falar do otimismo com que constatou que na reunião de Londres «se deram passos à frente no sentido da introdução de maior flexibilidade no tratado da questão da dívida, inclusive com o endosso à ideia de reescalonamentos plurianuais. Constitui também gesto de conteúdo construtivo a disposição de proceder a uma mais intensa discussão das questões financeiras de interesse para os países em desenvolvimento no âmbito do Comitê de Desenvolvimento do Banco Mundial».

Mas foi após referir-se à reunião de Cartagena (e de lembrar a Ronald Reagan que naquele encontro definiu-se um «conjunto de princípios e proposições concretas que a nosso ver constituem base válida, realista e pragmática para a busca de medidas capazes de dar solução à excessiva carga do endividamento e assim contribuir para a criação de condições favoráveis à retomada do desenvolvimento econômico») que o presidente Figueiredo manifestou toda sua preocupação com «a crise do endividamento e seus efeitos econômicos, sociais e políticos». Além disso, o presidente brasileiro reiterou ao presidente dos Estados Unidos «minha profunda convicção da necessidade de um exame urgente, e em termos mais amplos e integrados, a nível de governos, de questão de tamanha gravidade e multiplicidade de aspectos. O sentido de urgência da questão se vê inequivocavelmente aumentado pelos atuais níveis das taxas de juros e pela possibilidade que em futuro próximo tais taxas registrem novas elevações, fato que preocupa também ao governo dos Estados Unidos da América, como por este publicamente afirmado».

Antes de concluir a mensagem endereçada a Ronald Reagan, Figueiredo aproveitou para fazer uma advertência que, a rigor, vem formulando desde 1982, quando discursou perante à assembleia-geral das Nações Unidas, em Nova Iorque. Em tom grave, o mandatário brasileiro ressaltou que «as agruras econômicas e tensões políticas que se registram em vários países endividados, já em si graves, podem vir a atingir níveis insuportáveis no caso de se intensificarem os fatores externos adversos que muitas vezes afetam suas economias».

Dívida